

Conduta homicida: um caminho para a compreensão e reparação

Prof. Dr. Mário Medeiros¹

David de Carvalho Bezerra²

Resumo

Esse artigo é o resultado de uma pesquisa realizada no Centro de Ressocialização do Agreste(CRA), por uma equipe de cinco pesquisadores da UPE, dois deles com bolsas PIBIC(iniciação científica) do CNPq e da UPE-Campus Garanhuns. Foi executada como uma pesquisa-ação que tomou a forma de grupo operativo. Entre seus resultados destaca-se a identificação do esquema conceptual referencial operativo de cerca de vinte apenados daquela instituição de ressocialização. Constatou também a eficácia da técnica do conflito cognitivo e emocional na ressignificação de conceitos epistemofílicos, justamente aqueles que induzem à condutas antisociais.

Palavras chaves: apenados, grupo operativo, esquema conceptual referencial operativo(ECRO), ressocialização.

¹ Mário Medeiros é Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho, Braga, Portugal. É Prof. Adjunto da UPE-Campus Garanhuns.

² David de Carvalho Bezerra é Aluno do Nono Período do Curso de Psicologia da UPE- Campus Garanhuns.

Homicidal behavior: one way for comprehension and reparation

Abstract

This paper is a result of a survey held at the Center for Re-socialization of the Agreste (CRA), by a team of five researchers from Universidade de Pernambuco (UPE), two of them with scholarships for scientific initiation granted by CNPq and UPE-Campus Garanhuns. The research was performed as an action-research which took the form of the operative group. Among the findings, we highlight the identification of the conceptual referential operating schema relating to about twenty inmates of that institution of re-socialization. We also observed the effectiveness of the technique of cognitive and emotional conflict in the re-meaning of epistemophylic concepts, precisely those that lead to antisocial behavior.

Keywords: convicted, operative group, conceptual referential operating schema, re-socialization

Neste trabalho, estudamos o comportamento delituoso de um grupo composto inicialmente por vinte e cinco (25) apenados em regime de detenção semi-aberto, do CRA (Centro de Ressocialização do Agreste), situado na cidade de Canhotinho - PE. O principal objetivo foi identificar os referenciais de conduta que levaram esse grupo a cometer homicídio, parte dos quais de forma reincidente. Para tanto, utilizamos, no ponto de partida, uma fundamentação teórica que inclui Pichón-Rivière (2005), tendo como eixo central o seu conceito de ECRO (Esquema Conceptual Referencial e Operativo); o estudo sobre a tendência em assumir comportamento anti-social, do psicanalista inglês

Winnicott (2000), e a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1999).³

Esses teóricos, entre outros, contribuíram para uma maior compreensão dos possíveis impulsos que levaram os apenados estudados a cometerem homicídio. Por sua vez, essa compreensão abre espaço para o desenvolvimento de estratégias que possibilitam uma ressignificação e modificação de conceitos formadores do ECRO que, porventura, estejam na base do comportamento delituoso.

Os dados foram levantados através da estratégia de formação de grupo operativo, proposta por Pichón-Rivière (2005), se configurando como uma pesquisa-ação. Esse procedimento possibilitou inferir, através de falas dos apenados, que a totalidade dos integrantes do grupo operativo teve e ainda tem problemas com alguns familiares, principalmente com figuras parentais, mais especificamente com a figura paterna.

Meu pai me botou pra fora de casa quando eu tinha sete anos... Ele estava embriagado. Brigava com minha mãe dizendo que eu não era seu filho. Meu pai vivia brigando com a minha mãe, e sempre me botava como culpa. A gente morava num engenho, não disse isso a vocês, teve um dia que ele tomou umas cachaças, veio um pai de santo, comprou um maço de velas, acendeu todas, e disse que quem fosse filho dele pegasse uma vela. Meus irmãos pegaram, eu estava dormindo, aí me tiraram da cama, fui para a mesa, botei os braços sob ela, dormi novamente, quase me queimei. Meu pai me pegou e me jogou por cima da porta.

Esse relato foi feito por um apenado que, por motivos de sigilo, o chamaremos de SV. Outro apenado que, pelo mesmo motivo, o chamaremos de GB, identificado por nós como o porta-

voz do grupo, também nos falou de uma experiência negativa com o seu pai:

Ele (o pai) tomava um álcool danado, parecia um alambique, deu duas pisas na minha mãe, tentou me matar, ainda lembro do voo, eu tinha três anos. Ele tinha de tudo e eu não tinha nada, tinha que almoçar em outra casa, eu via os meninos com brinquedos, e eu não tinha nada. Eu ia pra lá, continha minha vontade, não me sentia filho dele. Eu fui para a praia, fui dar a mão a ele, ele disse que não dava a mão para maloqueiro, eu não sabia nem o que era isso. Outro dia fomos para o shopping, pedi um picolé, ele não me deu, eu disse a minha avó que não me sentia da família.

Não é preciso muita imaginação para perceber que esse tipo de relação pode causar transtornos emocionais, porque torna o ambiente familiar um foco de angústias e de tensões emocionais patológicas, as quais podem gerar comportamento de cunho desviante. Para Winnicott a delinquência está associada à perda emocional precoce, geralmente provocada por figuras parentais como pai e mãe, justamente por essas figuras, a quem cabe o dever de estabelecer um ambiente acolhedor e propício ao desenvolvimento da saúde física e psíquico-emocional dos filhos (WINNICOTT, citado por ABRAM, 2000).

No texto *Família, emoção e ideologia*, Reis (2004) define a atuação familiar da seguinte maneira:

A atuação familiar é vivida intensamente pelos indivíduos, agindo poderosamente no exercício da subordinação ideológica, pois está presente desde o início da vida e é marcada por fortes componentes emocionais que estruturam de forma profunda a personalidade de seus membros (REIS citado por LANE; CODO, 2004, p.104).

Mais adiante, o autor cita Mark Pôster, autor de Teoria Crítica da Família, o qual diz: “[...] a família é o lugar onde se forma a estrutura psíquica e onde a experiência se caracteriza, em primeiro lugar, por padrões emocionais” (PÔSTER citado por RAMOS, 2004, p. 104).

O Pôster vai mais além e situa a função familiar na interseção da vida emocional com a formação dos valores culturais que orientarão a conduta do indivíduo:

[...] ela (a família) é o lócus da estruturação da vida psíquica. É a maneira peculiar com que a família organiza a vida emocional de seus membros que lhe permite transformar a ideologia dominante em uma visão de mundo, em um código de condutas e de valores que serão assumidos mais tarde pelos indivíduos (POSTER citado por RAMOS, 2004, p. 104).

Portanto, podemos concluir, com base nesses autores, que a família possui um papel fundamental na estruturação e manutenção da vida cultural e emocional da criança e que uma vida emocional equilibrada é, para essa mesma criança, fator imprescindível para que desenvolva os valores necessários ao convívio social adequado quando tornar-se indivíduo adulto.

Talvez por isso mesmo, nos seus relatos, os apenados se referem à família com palavras positivas. Ela é sinônimo de amor, companheirismo, paz, felicidade etc. Apesar disso, esses mesmos relatos dão conta de que, em várias famílias, a desarmonia, o desequilíbrio e a prática de violências contra seus próprios membros eram evidentes, e que a alcoolização era o principal elemento desestruturador do grupo familiar.

Nos relatos sobre a família, dois fatos nos chamaram atenção: na maioria dos casos, os crimes cometidos pelos membros desse grupo envolviam um parente e sua honra; o álcool

se faz presente em grande parte, se não na totalidade, das circunstâncias nas quais os apenados cometeram seus crimes.

Quanto à família, sabe-se que funciona como porta de entrada para os traços culturais da sociedade da qual faz parte, arregimentando e introduzindo esses traços na conduta de seus membros.

Confirmando isso, Reis nos diz: Sendo uma instituição social, possui também para os homens uma representação que é socialmente elaborada e que orienta a conduta de seus membros. Mais adiante o autor continua:

Ao realizar seu projeto de reprodução social, a família participa do mesmo projeto global, referente à sociedade na qual está inserida. É por isso que ela também ensina a seus membros como se comportar fora das relações familiares em toda e qualquer situação (REIS citado por LANE e CODO, 2004, p. 102).

Destaque-se que, na cultura interiorana do estado de Pernambuco, as questões de gênero e os valores atribuídos a este são de grande relevância cultural. Vale salientar que gênero aqui não se refere a este conceito recente desenvolvido pelas ciências sociais e pela psicologia social, que dissociam quase completamente gênero de sexo. Gênero, enquanto traço da nossa cultura interiorana pernambucana, está muito próximo do conceito de sexo biologicamente determinado e, como tal, é configurador de padrões de comportamento os quais devem ser seguidos à risca.

O “Homo nordestinus” deve assumir um papel dotado de força, ainda que bruta; deve ser ativo sexualmente, tendo na cama uma grande performance; deve lavar a honra da família se, por acaso, esta venha a ser desmoralizada, não importando como essa

honra será recuperada. O que importa é que qualquer ofensa, real ou pretensa, seja devidamente “vingada”.

Isso ficou evidente durante a sessão do grupo operativo em que os apenados foram questionados sobre o significado do que é ser homem. Descobrimos que esse papel para eles é o de ser “o cabeça” do grupo familiar, ser o espelho para a mulher e os filhos, ser leal e confiável, ser o que segura a “barra” e da conta de todos os problemas, ser o que protege a família de agressões externas, ser aquele que garante que a honra e a moral do homem e da família sejam lavadas ou restabelecidas..

Esses valores culturais não possuem, em si, algo maléfico para os indivíduos, pelo contrário, são valores que, se devidamente orientados, podem se constituir em orientações para uma conduta socialmente positiva.

Acontece que, nesses casos especificamente analisados por nós, esses valores acabaram por se transformarem em conceitos epistemofílicos, ou seja, conceitos socialmente positivos que foram distorcidos pela existência dos indivíduos e foram inversamente assimilados pelo esquema conceptual operativo (ECRO) deles. Por esse caminho, aqueles valores orientaram a conduta desses sujeitos para fins maléficos, tanto para eles mesmos quanto para a sociedade (PICHON-RIVIÈRE, 2005), isso porque, para eles, para serem ou continuarem sendo “homens”, todos aqueles valores devem ser mantidos por qualquer meio, inclusive pela vingança e/ou por práticas violentas e criminosas, o homicídio entre elas.

Vejam o depoimento de GB, considerado por nós o porta-voz do grupo:

Eu matava e morria pela minha família. Um tio que me chamava de criminoso, eu salvei a vida dele, ia jogando o carro numa carreta, e da filha dele, porque perdeu a honra, botei o revólver na cabeça do cara e disse, ou casa ou morre. Ele disse: caso na hora; nunca fui ruim para minha família. Não me acho uma pessoa má, sempre quis ajudar.

Os demais membros do grupo demonstraram aprovar o feito. É interessante notar que esses conceitos epistemofílicos são mais facilmente assimilados por sujeitos cujo nível de instrução formal seja muito baixo, através da linguagem oral e pela observação dos comportamentos expressadas pelas pessoas que são significativas no seu imaginário. Esse é o caso dos sujeitos de nossa pesquisa.

Para o psicólogo clínico Sócrates Nolasco (2001), que fez uma análise do conceito de masculinidade na contemporaneidade, articulando este conceito com os altos níveis de violência urbana protagonizados por homens, uma das maiores causas da inversão dos valores atuais se dá pela falta de imaginação humana, na contemporaneidade, para criar modelos que nos sirvam de orientação comportamental positivos, socialmente falando (NOLASCO, 2001).

Nolasco (2001) nos diz que, se olharmos para trás e voltarmos às criações artísticas da era clássica, veremos como o arquétipo do herói masculino se fundamentava na astúcia e não na força bruta. O exemplo maior é Ulisses, protagonista de *A Odisséia*. Com a Revolução Industrial e a ascensão da sociedade capitalista, o potencial criativo de cunho intelectual do homem foi castrado e substituído por um ideal de homem economicamente eficiente, individualista e de pensamento anti-reflexivo. Entre os vários problemas de saúde pública que esta lógica de produção acarretou temos o alcoolismo, drogatização e principalmente o sentimento de anomia.

Isso quer dizer que, na falta de uma orientação louvável de comportamento a ser seguido, o homem contemporâneo tenta tudo para se engajar na lógica da sociedade do capital, inclusive recorre a meios ilícitos. A matança de aluguel é um bom exemplo de prática homicida direcionada pela lógica da sociedade capitalista; nela o assassino tem seus serviços contratados para matar outra pessoa em troca de dinheiro. Essa prática é muito comum em algumas áreas do interior pernambucano e foi

relatada, inclusive, por um dos sujeitos de nossa pesquisa que era matador profissional de aluguel.

Em suas pesquisas, Nolasco (2001) constatou que mais de 90% dos presos na cidade do Rio de Janeiro são homens e cerca de 80% destes foram presos num período de quatro meses em que estavam desempregados. Esse índice de criminalidade encontra-se em ascensão em todo o mundo, inclusive no estado de Pernambuco, que figura entre os mais violentos do país (NOLASCO, 2001).

Tudo isso nos leva a concluir que, na impossibilidade de cumprir com o seu papel de homem (conforme descrito acima por eles) devido a diversos fatores, entre eles o desemprego endêmico, e na ausência de um modelo comportamental mais flexível, o homem de nossa região, tal como seus contemporâneos de outras paragens, tende a distorcer valores que inicialmente seriam socialmente positivos e transformá-los em conceitos epistemofílicos.

Este comentário de GB nos dá algumas pistas sobre essa questão: “Ser homem é não voltar atrás, é não ter medo, mas temer a covardia, é ter sinceridade nas palavras, é comprar e pagar”.

No âmbito da teoria de Pichón-Rivière (2005), identificamos, através de técnicas de intervenção no grupo operativo, que conceitos epistemofílicos como valentia, vingança, cumplicidade e outros constatados na pesquisa se constituíam em referenciais fortemente arraigados no ECRO daqueles apenados. Observamos também que esse lado negativo do ECRO, em circunstâncias específicas, levou estes indivíduos a assumirem facilmente uma conduta desviante (PICHON-RIVIÈRE, 2005). O álcool, por exemplo, funciona como elemento inibidor de atitudes toleráveis a possíveis ameaças ou agressões contra os valores explicitados anteriormente. É interessante notar que, no momento em que cometeram os crimes pelos quais estão na cadeia, a quase totalidade dos sujeitos de nossa pesquisa estava sob efeito de álcool. Os depoimentos abaixo comprovam isso.

Pesquisadora: SV, se você passar um dia bebendo com amigos fica bem?

Resposta de SV: Fico, até ninguém vir tirar onda comigo. Tipo se alguém me confrontar e me chamar de presidiário ou coisa desse tipo... sou um cara manso, humilde, mas não aguento desaforo, meto a mão na cara.

Pesquisadora: Seu At. e seu SV., me digam uma coisa, no dia que vieram para o sistema vocês haviam bebido?

Resposta de SV.: Bebi sim, não no momento, mas havia bebido.

Resposta de At.: Tinha bebido na hora.

Resposta de GB: Fui preso fazia 10 minutos que tinha dado três tiros no cara, tinha bebido uma cerveja. Então o álcool me destruiu. Minha família toda bebe...

Como Pichón-Rivière (2005) diz que todo comportamento anti-social ou patológico é causado por um distúrbio de aprendizagem, escolhemos a teoria da aprendizagem de Ausubel para tentarmos promover uma reestruturação do ECRO no sentido de fortalecer o potencial de ação dos conceitos socialmente positivos e enfraquecer o potencial de ação dos conceitos epistemofílicos ou negativos. A ideia é fazer o ECRO operar sempre no sentido de produzir um comportamento socialmente correto.

De acordo com Ausubel (citado por MOREIRA, 1999), a aprendizagem ocorre principalmente através da educação sistemática, e o educador deve se valer das ideias já presentes na estrutura cognitiva do educando para tentar ancorar nelas as novas ideias, os novos conhecimentos ou valores que devem ser aprendidos. No caso em estudo, nossa estratégia consistiu em retomar as ideias-conceitos socialmente positivos que emanam da família e se voltam para o seu bem-estar e segurança, como

lealdade, fidelidade, honra, cuidado, solidariedade e outras presentes no ECRO do grupo, e indagar-refletir se elas foram mesmo concretizadas através dos atos que cometeram, ou seja, através da vingança por ofensas, através do emprego da força bruta para resolver pendências, através da cumplicidade irrestrita diante de atitudes desviantes de parentes e amigos, através da demonstração de valentia etc; ou se os atos que cometeram não produziram resultados opostos à intenção idealizada no início.

Dessa forma, geramos um conflito cognitivo, e às vezes emocional, nestes sujeitos, possibilitando assim, que novos conceitos socialmente positivos pudessem emergir e serem incorporados ao ECRO, provocando sua reestruturação. Os depoimentos que seguem sinalizam positivamente nessa direção.

A sexta reunião do grupo operativo começou com a pesquisadora afirmando: Falamos sobre amor, trabalho, preconceito, lealdade. Em seguida perguntou ao grupo de apenados:

O que mais marcou vocês? O que mais chamou atenção? Fazer parte desse grupo ajudou vocês em alguma coisa?

Resposta de Am: foi muito importante ter falado em família, foi o ponto mais marcante. Isso me ajudou muito... tenho fé em Deus em ir pra minha terra. O grupo aconselhou para o bem. Muito melhor ainda, mostrou novas possibilidades. Estar no grupo ajudou a ouvir outras possibilidades de ação, de pensamento.

Resposta de GB: A primeira reflexão de vida, saber quem é a pessoa em si, pensar o que fez ou no que vai fazer. Isso marcou, porque não presto, mais estou fazendo por onde prestar. Me fez criar confiança e não ficar com medo de ir pra fora do presídio. Quando falamos em preconceito, eu tinha preconceito comigo mesmo. Hoje faço mais planos... eu vejo a minha mudança, minha autoconfiança. Eu estou confiando em mim lá fora.

Eu já mudei, tenho plano pro futuro. Vou fazer um curso de mecânico, mas minha filha não acredita quando falo em fazer curso de mecânico e quando falo que vou comprar um terreno.

Resposta de Eq: Ficou muita coisa, mas o que me tocou foi sobre a família e preconceito. Como nós não saímos daqui ainda, ficamos pensando que não vamos ter chance. E isso às vezes ajuda a voltar para o crime. Mas temos que levantar a cabeça, pedir a Deus para nos ajudar a construir uma família. Hoje tenho mais forças para enfrentar a vida saindo daqui. Atribuo ao grupo. Também a pergunta: o que é ser homem? Eu gostei muito, pois para mim é ter caráter e não baixar a cabeça.

A pesquisadora se volta para GB e pergunta: O que fez você ter projeto de vida?

Resposta: A partir do momento que eu vim para o grupo, alguma coisa me tocou. Escutei uma palavra do colega do grupo que disse. “o cara tem de ter medo de morrer, mas não de enfrentar a vida.” Eu soube escutar essas palavras. Eu tinha coragem de ajudar um amigo até na faca, mais minha própria vida, não.

Pergunta a pesquisadora: A gente pode entender que você não tinha coragem de enfrentar a vida?

Resposta: Não tinha. Tinha coragem de fazer outra coisa, mas não de enfrentar a vida. Não foi bom fazer retrospectiva de mim mesmo, mas me ajudou muito. Hoje em dia paro para pensar.

Essas são possibilidades que o grupo operativo propicia. Pode conduzir a um processo de reestruturação dos conceitos do ECRO. Isso ocorre porque, no grupo, os sujeitos debatem suas ideias orientados por um profissional, nesse caso, por um psicólogo, e, através de uma relação dialética uns com os outros, vão ascendendo e melhor compreendendo o significado de determinados valores e como estes podem trazer prejuízos se orientados para a realização de uma conduta antissocial (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Concluimos que, para grupos de apenados com as características desse que estudamos no CRA, a pesquisa-ação, tal como descrevemos aqui, é uma forma de intervenção de extrema importância no processo de ressocialização, tanto para os sujeitos que compõem esse tipo de grupo quanto para a sociedade como um todo, já que, além de identificar possíveis causas da conduta antissocial, possibilita a implementação de estratégias de mudança no sentido de reduzir a reincidência criminal.

Referências bibliográficas

- CODO, Wanderley; LANE, Silvia. *Psicologia Social: o homem em movimento*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SILLAMY, Nobert. *Dicionário de Psicologia Larousse*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- PICHÓN-RIVIÈRE, Enrique. *O Processo Grupal*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MOREIRA, Marco Antônio. *Teorias da Aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1999.
- ABRAM, Jan. *A Linguagem de Winnicott: dicionário de palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.